



ARTE SOCIOLÓGICA e CONEXÕES

organização
Cristina Freire

HERVÉ FISCHER NO MAC USP



MAC
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo

© 2012 – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio (Antiga Rua da Reitoria), 160
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel./Fax: (11) 3091-3559

www.mac.usp.br

ISBN 978-85-7229-054-8



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Lourival Gomes Machado
do Museu de Arte Contemporânea da USP

Hervé Fischer no MAC USP : arte sociológica e conexões: arte-sociedade-arte-vida
/ organização Cristina Freire. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade
de São Paulo, 2012.
130 p. ; il.

ISBN 978-85-7229-054-8

I. Arte Sociológica. 2. Filosofia da Arte. 3. Estética (Arte). 4. Fischer, Hervé, 1941-
I. Universidade de São Paulo. Museu de Arte Contemporânea. II. Freire, Cristina.

CDD – 700.103

A presente publicação acompanha a exposição HERVÉ FISCHER NO MAC USP
ARTE SOCIOLOGICA E CONEXÕES e o seminário *O Porvir da Arte* realizado por Hervé
Fischer no MAC USP (maio/2012).

Equipe: Grupo de Estudos de Arte Conceitual e Conceitualismos no Museu - GEACC - CNPq
Coordenação: Prof. Dr. Cristina Freire

Integrantes: Adriana Palma
Andréia Rocha
Arthur Medeiros
Eduardo Akio
Heloisa Louzada
Jonas Pimentel

Textos: *Arte e Comunicação Marginal* - Adriana Palma e Heloisa Louzada
Farmácia Fischer & Cia - Jonas Pimentel
Higiene da Arte - Andréia Rocha
Signalética Urbana Imaginária (Homenagem a Augusto Comte) - Adriana Palma

Revisão e Traduções: GEACC - CNPq

Transcrição da Entrevista: Heloisa Louzada

Projeto Gráfico e Capa: Arthur Medeiros

Organização: Cristina Freire

Realização: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte
Museu de Arte Contemporânea - USP

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Ensino Superior - CAPES
Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais - USP
Pró-Reitoria de Pós-Graduação - USP

Sumário

Apresentação Tadeu Chiarelli

Introdução Cristina Freire

Linha do tempo

Hervé Fischer e a Arte Sociológica

Manifestos

Por uma Prática Artística
Primeiro manifesto - Coleção
Segundo manifesto (1975)
Terceiro manifesto - Metalinguagem
Quarto manifesto - Arte e Comunicação

Higiene da Arte

Farmácia Fischer & Cia

Arte e Comunicação Marginal

Exposições:

Grupo de Arte Sociológica; Arte e Comunicação
- Carimbos de Artistas; e Farmácia Fischer & Cia
Coletivo de Arte Sociológica
Teoria da Arte Sociológica

Signalética Urbana - 16ª Bienal
Sinalização Imaginária

Tweet Art (2011)

Recortes de Textos Escolhidos
Teoria da Arte Sociológica
A História da Arte Terminada
O Porvir da Arte (2010)

Entrevista com Hervé Fischer (2011)

Obras no Acervo MAC USP

Referências

Introdução



21500011694

Hervé Fischer no MAC USP
Arte Sociológica e Conexões

Em sua primeira vinda ao Brasil, em 1975, o artista Hervé Fischer, vestido de farmacêutico, instalou na Praça da República, em São Paulo sua *Farmácia*. Ali, ouviu histórias e distribuiu pílulas para os mais variados e insólitos fins. Em seu receituário constavam pílulas para votar (em plena vigência da ditadura militar), mudar de ideia, ser criativo, ser original, entre outras. Sua proposição artística trazia à tona naquele momento, o irrealismo do cotidiano vivido nas asperezas de uma cidade vigiada. Com essa postura interrogativa e crítica Fischer segue ainda hoje ativando a experiência do encontro com o Outro, valendo-se, não raro, do dispositivo móvel da *Farmácia*, provisoriamente instalado em distintas situ(ações).

O convite para Fischer vir ao Brasil, naqueles anos 1970, partiu de Walter Zanini e dá testemunho de uma espécie de 'antena parabólica' instalada no Museu, capaz de sintonizar e conectar os mais potentes sinais do pensamento artístico que circulavam, então, em diferentes canais.

Para Fischer, como para tantos outros artistas contemporâneos, o vetor fundamental da prática artística tem sido a implicação definitiva arte-sociedade-arte-vida.

Os circuitos de comunicação marginal, as representações da mídia e os fatores ideológicos, econômicos e sociais que acompanham as definições, sempre cambiantes, de arte vem motivando seu trabalho que se direciona, atualmente, para pensar, inclusive pictoricamente, os resultantes do mundo digital em nossa sensibilidade e percepção de mundo.

Se o Coletivo de Arte Sociológica, que formou na França com Jean-

-Paul Thénot e Fred Forest, teve vida curta (1974-77) na história da arte contemporânea, suas premissas são bastante presentes na atualidade. Artistas e antropólogos estão associados quando se valem dos métodos clássicos de investigação das ciências sociais incluindo as diferentes modalidades da pesquisa de campo, análises de índices econômicos, políticos e demográficos. Nada a estranhar se lembrarmos que a articulação de saberes está na agenda da arte desde, pelo menos, o fim do modernismo, com a derrocada dos pilares que o sustentavam como as noções de autonomia da arte e autenticidade de um objeto único, raro e caro.

Por outro lado, lembramos que a cidade de São Paulo tem sido foco de operações artísticas desde, pelo menos, as primeiras décadas do Século 20. Foi nas ruas do Centro, não muito longe da Praça da República, que Flávio de Carvalho caminhou, de boné verde, no sentido contrário a uma procissão de *Corpus Christi* em 1931. O estranhamento da ação foi vivenciado como profano e ultrajante pelos fiéis que quase lincharam o artista na rua. Essa, como as demais *Experiências* que realizou mais tarde, na década de 1950, eram consideradas por Flávio de Carvalho como *Experiências de Psicologia das Multidões*.

Sociologia, Antropologia, Psicologia, Psicanálise, Linguística, Ciências Exatas, Biológicas e Ciências da Informação sugerem as inúmeras outras conexões disponíveis para o pensamento artístico atual, necessariamente, dialógicos. Com a internet e a *web art*, a prática de Fischer expande-se para outros circuitos de distribuição, migra da cidade e dos museus para os espaços virtuais nas redes digitais.

As dificuldades encontradas para apresentar a obra de Fischer no Museu, explicitam a resistência ativa que impõe à sua lógica e nos obrigam a rever, uma vez mais, os paradigmas convencionais que ainda regem as práticas museológicas.

Os projetos e ações de Hervé Fischer registrados em fotografias, textos e relatos são índices de uma espécie de ausência no tempo e remetem,

simulta
para a
mente,
função
ler e ve
Seus te
desvinc
e atenc

chos es
inédito
das obi
tante d

é cons
20.

mun
por mu
amos
Meirel
bala L

o muse
ideias
mídia,
mo ráp

MAC
primei

¹Stiles,
Art. A 5

simultaneamente, ao passado e ao futuro. Do passado, fornecem as pistas para a reconstrução atual do que poderia ser essa 'obra', que, necessariamente, escapa. Sobre o futuro, indicam que a contemplação deixa de ser a função primordial do museu e propõem outras possibilidades. Isto porque *ler* e *ver* encontram pontos de equilíbrio e equivalência na obra de Fischer. Seus textos teóricos, manifestos e livros atestam um pensamento que não se desvincula de sua prática e solicitam um esforço extra, uma outra disposição e atenção por parte do público.

Os manifestos do Coletivo de Arte Sociológica assim como os trechos escolhidos de livros publicados, apresentados nesse volume e até então, inéditos em português, são instrumentos fundamentais para a compreensão das obras pertencentes ao acervo do MAC USP e representam parte importante do pensamento da arte contemporânea.

A *Teoria da Arte Sociológica* (1976) de Hervé Fischer, por exemplo, é considerado¹ referencial no contexto dos escritos de artistas no século 20.

Se para Marcel Duchamp, o artista é aquele capaz de ressignificar o mundo por meio da linguagem, de fato, essa tarefa tem sido levada a cabo por muitos artistas de várias formas, mais ou menos programáticas. Poderíamos acrescentar aqui os textos de Flávio de Carvalho, Hélio Oiticica, Cildo Meireles, Artur Barrio, Julio Plaza, Paulo Bruscky, Clemente Padín, Horacio Zabalá, Luis Camnitzer, entre tantos outros...

Texto e imagens, documentos e obras, ações e projetos reinvestem o museu como um espaço de trocas privilegiado, onde podem circular outras ideias e representações, para além dos padrões e conteúdos impostos pela mídia, pela comunicação de massas e pelo mercado, interessado no consumo rápido.

Essa publicação e a exposição registram a vinda de Hervé Fischer ao MAC USP para um ciclo de palestras, quase quatro décadas depois de sua primeira passagem pelo país. Trazem à tona a fecundidade e a generosidade

¹Stiles, Kristine and Selz, Peter (ed.) Hervé Fischer in: *Theories and Documents of Contemporary Art. A Sourcebook of Artist's Writings*. University of California Press. 1996. pp. 884-886.

de sua prática artístico-pedagógica assim como a potência e atualidade de um pensamento divergente, ainda mais necessário e urgente no contexto de um museu público e universitário no Brasil.

Cristina Freire